

HISTORIOGRAFIA DA PSICANÁLISE BRASILEIRA.

ENSAIO METODOLÓGICO EM UM ESTUDO DE CASO^{1 2 3}

*Fuad Kyrillos Neto**

“No aspecto em que a psicanálise ‘esquece’ sua própria historicidade, ou seja, sua relação interna com conflitos de poder e de posição, ela torna-se um mecanismo de pulsões, ou um dogmatismo de discurso, ou uma gnose de símbolos” (Certeau, 2020, p. 81).

RESUMO

O manuscrito tem como objetivo a oferta de subsídios para a construção de uma metodologia de pesquisa historiográfica que nos permita proceder a uma análise crítica das cisões em instituições psicanalíticas. Para tanto, valemo-nos das análises de entrevistas realizadas com analistas que se envolveram em movimentos, os quais culminaram em rupturas em instituições de psicanálise, do audiovisual de uma longa instituição de psicanálise e de artigos publicados no periódico dessa instituição, que abordam sua trajetória e uma entrevista com um de seus fundadores. Propomos, no desenvolvimento da baliza metodológica, a utilização de saberes atinentes à sociologia e à ciência histórica, especificamente a sociologia de Bourdieu e a história traumática em suas relações com a psicanálise. A investigação parte de questões éticas, visando à obtenção de respostas êmicas a partir do *corpus* teórico psicanalítico. A análise do material revela que a disputa pelo acúmulo de capital simbólico, que garanta a hegemonia nesse campo, utiliza como artifício a faceta alienante da transferência. Essa variante é possibilitada pelo manejo transferencial do analista, o qual ocupa o lugar do objeto, que causa o desejo do outro.

Palavras-chave: Metodologia, historiografia, psicanálise.

* Doutor em Psicologia Social pela Pontfícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com pós doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). Coordenador do Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

HISTORIOGRAPHY OF BRAZILIAN PSYCHOANALYSIS. METHODOLOGICAL ESSAY ON A CASE STUDY

ABSTRACT

The aim of this manuscript is to provide support for the construction of a historiographical research methodology that will allow us to conduct a critical analysis of the splits in psychoanalytic institutions. To this end, we have made use of interviews with analysts who have been involved in movements that have culminated in splits in psychoanalytic institutions, the audiovisuals of a long-standing psychoanalytic institution and articles published in the institution's journal, which deal with its trajectory and an interview with one of its founders. In developing the methodological framework, we propose the use of knowledge from sociology and historical science, specifically Bourdieu's sociology and traumatic history in its relationship with psychoanalysis. The investigation starts with ethical questions, with the aim of obtaining emic answers from the psychoanalytic theoretical corpus. The analysis of the material reveals that the dispute over the accumulation of symbolic capital, which guarantees hegemony in this field, uses the alienating facet of transference as an artifice. This variant is made possible by the transferential management of the analyst, who occupies the place of the object that causes the desire of the other.

Keywords: Methodology, historiography, psychoanalysis.

HISTORIOGRAFÍA DEL PSICOANÁLISIS BRASILEÑA. ENSAYO METODOLÓGICO EN UN SUPUESTO PRÁCTICO

RESUMEN

El manuscrito tiene como objetivo la oferta de subsidios para la construcción de una metodología de pesquisa historiográfica que nos permita proceder a un análisis crítico de la cisión en institución psicoanalíticas. Para tanto nos valemos de los análisis de encuestas realizadas con analistas que se involucraron en movimientos que culminaron en rupturas en instituciones de psicoanálisis, del audiovisual de una longeva institución de psicoanálisis, de artículos publicados en periódicos de esta institución que abordan su trayectoria y una encuesta con un de sus fundadores. Proponemos el desarrollo de la baliza metodológica, la utilización de saberes atinentes a la sociología y la ciencia histórica, específicamente, la sociología de Bourdieu y la historia traumática en sus relaciones con el psicoanálisis. La investigación parte de cuestiones éticas visando la obtención de respuestas controversias a partir del

corpus teórico psicoanalítico. El análisis del material revela que la disputa por el acúmulo de capital simbólico que garantiza la hegemonía en este campo utiliza como artificio la faceta alienante de la transferencia. Esta variante es posibilitada por el manejo transferencial del analista que ocupa el lugar del objeto que causa deseo del otro.

Palabras clave: Metodología, historiografía, psicoanálisis

INTRODUÇÃO

Este manuscrito é fruto da pesquisa “Rupturas na história do lacanismo brasileiro: método e ensaios”, que tem como objetivo a construção de uma metodologia de pesquisa historiográfica, a qual nos permita proceder a uma análise crítica das cisões em instituições psicanalíticas.

Uma das cisões investigadas aconteceu na Escola Brasileira de Psicanálise [EBP], que, em 1995, iniciou suas atividades. Depois de um curto período de funcionamento, de cerca de dois anos, ocorreu uma crise que atingiu um expressivo número de filiados da instituição. Um analista revelou o que ele considera um dos motivos da cisão:

(...) quer dizer, nós começamos com Lacan e criticando essa autorização dada pelo analista ... e acabou sendo ... e deixando depois nas mãos da AMP [Associação Mundial de Psicanálise] ... essa autorização, então, autorização ... passou a ser dada por Jacques-Alain Miller no mundo inteiro ... é ... no mundo inteiro (psicanalista radicado na Bahia).

As considerações desse analista revelam um questionamento quanto ao poder de Miller ao nomear psicanalistas. Em Bourdieu (1989/2021), podemos dizer sobre a existência de um poder de construção da realidade, pois o detentor do poder simbólico possui os meios de afirmar o sentido imediato do mundo, instituindo classificações nesse fragmento discursivo de quem pode se designar analista. A crítica ao sistema de nomeação de analistas foi capaz de abalar a distribuição do capital simbólico, em termos de valor social, no interior do campo psicanalítico.

A cisão da EBP foi importante para a criação e o fortalecimento de escolas antagonistas no Brasil. Notamos que, a partir dos anos 2000, a configuração da psicanálise brasileira se altera, consideravelmente, com o expressivo aumento de interessados pela prática psicanalítica e pela convivência para além das principais capitais de escolas rivais. Tal

fato levou para o âmbito grupal exigências de diferenciação teóricas, genealógicas e institucionais (Dunker & Kyrillos Neto, 2014).

TODAS ... todas as instituições psicanalíticas de Minas Gerais ... participam ... menos a Escola Brasileira ... [participa] ... numa ocasião ... eu perguntei prum ... conhecido meu ... mas ... o que é isso? *Ê, fala assim ... ah não, nós temos que marcar uma diferença ... tá? ... eu acho que a questão tá muito aí, né?* Essa questão da ... da ... dessa ... dessa postura ... que eu tô chamando **Apartheid** ... né? ... é ... tem lá os brancos e o resto ... **é o resto**” (psicanalista radicado em Minas Gerais, grifos nossos assinalando ênfase do entrevistado).

O “conhecido” do entrevistado quer marcar a diferença dos integrantes da EBP em relação às demais escolas, porém não consegue marcá-la para além de uma recusa de estar com outros psicanalistas. Assim, busca marcar a diferença por intermédio de práticas segregativas.

As entrevistas utilizadas no estudo foram realizadas com analistas, que se envolveram em movimentos, os quais culminaram em rupturas em instituições de psicanálise. A narrativa da experiência, por meio de entrevistas, apresenta a possibilidade de recuperação das vozes que narram as experiências de grupos silenciados. Encontramos dificuldades na marcação dos encontros. Alguns colegas aceitaram o convite, porém, quando procurados para agendar a entrevista, não responderam aos contatos. Outros indicaram nomes para serem entrevistados, alegando que, também, conheciam a história e partilhavam de opinião semelhante. Ainda, tivemos situações nas quais o convidado, após alguma insistência do pesquisador, pediu para enviar as respostas por escrito. A maleabilidade do pesquisador foi a condição para que pudéssemos nos aproximar dos entrevistados.

Além das entrevistas, trabalhamos com fragmentos discursivos de analistas fundadores da mais longa instituição de psicanálise de Minas Gerais. O Círculo Psicanalítico de Minas Gerais [CPMG], fundado em 1963 na capital mineira, surgiu nomeado como Círculo de Psicologia Profunda. Esses fragmentos discursivos nos revelam que os constantes conflitos entre grupos nem sempre residem em significativas divergências teóricas (Russo, 2002; Roustang, 1987).

Dunker e Kyrillos Neto (2014) fazem uma ressalva de que, em nossa leitura, se justifica a importância de uma reflexão pautada no diálogo

da psicanálise com outros campos de saber, a qual sustente um método historiográfico. Os impasses reconhecidos nas instituições psicanalíticas são abordados quase sempre em referência aos textos de Lacan. Assim, repetem-se as questões da legitimidade, da autoridade sobre o outro e sobre citações e conceitos da obra lacaniana. Essa prática faz com que o texto perca sua posição de interposto, aquele no qual se buscam subsídios, os quais auxiliem na resolução de questões, para se tornar objeto de uma disputa de caráter colegial.

Os saberes atinentes à sociologia e à ciência histórica devem ser considerados para a reflexão sobre questões metodológicas como forma de mitigar esse problema. Concernente a esse aspecto, propomos uma perspectiva de trabalho que adota, basicamente, dois planos: o meta-histórico, como lugar de reflexões sobre a história como historiografia (a história e sua escrita como ciência); e o plano historiográfico, que se dedica à análise de uma questão histórica em direção êmica, prisma que nos possibilita compreender determinado campo a partir da linguagem dos protagonistas, relacionada a categorias peculiares à sua inserção social.

De forma preliminar, os dados éticos fornecem acesso ao sistema, ponto de partida para a análise. O anacronismo inicial do direcionamento ético cumpriria um papel no tensionamento da pergunta de pesquisa, que seria capaz de reposicionar o pesquisador frente ao seu objeto:

Perguntas, não respostas: uma distinção que não foi percebida por aqueles que enfatizaram descuidadamente o papel do anacronismo na pesquisa histórica ou rejeitaram o anacronismo como uma categoria pertinente. Parte-se de questões éticas com o objetivo de obter respostas êmicas (Ginzburg, 2021, p. 17).

Ainda, segundo Ginzburg (2021), o elemento ético residual não pode ser apagado e isso tem uma conotação positiva. A tensão entre nossas perguntas e as respostas, que as evidências nos oferecem, deve ser mantida viva, embora as evidências possam mudar nossas perguntas iniciais.

A história em direção êmica é fulcral para refletirmos sua escrita por psicanalistas. Os contributos teóricos de LaCapra (2006), articulando epistemologias historiográfica e psicanalítica, servirão, para nós, de ponto de partida. As noções de trânsito e de transição, por ele elaboradas,

nos permitem a percepção do que é inerente à história, sua própria historicidade, que desafia, sistematicamente, sua conformação atual. Conforme ele, os esforços para manter fixo o movimento de compreensão histórica oculta uma tentativa ideológica de se manter imutável uma determinada condição histórica.

Ao considerar o complexo processo de formação da identidade, a natureza prefigurativa da experiência traumática, o envolvimento transferencial do historiador com o objeto de estudo e seu interesse nas experiências traumáticas e identidades dos outros, ele sinaliza a utilidade da psicanálise como teoria crítica aplicada ao caráter transitório da história e da historiografia. As categorias psicanalíticas, na concepção desse autor, são satisfatoriamente flexíveis para se adaptarem ao movimento permanente da história e da reflexão sobre ela. Tais argumentos o levam a reconhecer a posição do historiador como sujeito, que pode desconstruir ou validar uma posição identitária.

Ao tangenciar a psicanálise, LaCapra (2006) considera que o conceito de trauma torna possível distinguir entre passado e presente, reconhecendo que a experiência traumática pertence a um momento anterior e diferente do agora. Em especial, o tema da memória traumática tem servido para compreender acontecimentos culturais extremos, em que o componente da repetição, como herança, ocorre mediante a combinação de processos relativamente conscientes, como a educação e as práticas críticas (Mudrovic, 2005; LaCapra, 2006; Certeau, 2020). Esse reconhecimento permite a elaboração da experiência, a qual está intimamente ligada às possibilidades do sujeito como agente ético e político. Do ponto de vista historiográfico, o conceito de trauma nos possibilita uma visada ética, uma vez que ele implica defrontar os eventos extremos e superar criticamente a tendência de reencenar o passado. Assim, o fazer historiográfico ocupa um lugar de elemento essencial no processo interpretativo humano.

As experiências traumáticas relatadas por nossos entrevistados estão em relação direta com os mecanismos de coerção e controle presentes nas instituições de psicanálise, com vistas à manutenção e à ampliação do poder de lideranças do meio psicanalítico. Nesse sentido, as considerações de Bourdieu sobre o proprietarismo do capital simbólico nos fornecem

contribuições para analisarmos o caráter de repetição da história no campo psicanalítico. Isso porque, de acordo com ele, o capital simbólico, que é uma forma de distribuição de outras formas de capital, em termos de reconhecimento, tende ao crescimento. Como consequência desse fato, tem-se um acréscimo de poder. O poder é atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para terem condição de impor o reconhecimento (Bourdieu, 1989/2021). Salientamos que Bourdieu, em sua obra, reabriu um diálogo da sociologia com a psicanálise há muito excluído dos projetos sociológicos. Em seus estudos mais recentes, é possível encontrarmos citações de Freud e referências à psicanálise (Pontes, 2011).

Ao aludir seu interesse pela história, Bourdieu (1984/2003) afirma que ela está inscrita nas coisas, nas instituições e nos corpos. A história se esconde nos cérebros e nas dobras do corpo. Por conseguinte, em sua concepção, o inconsciente é correlato à história. Inspirados pela sociologia de Bourdieu, sobretudo pelos conceitos de campo, *habitus* e capital, não devemos tratar as análises como corpos teóricos fechados, que devem ser abordados em massa e dogmaticamente repetidos, mas como ferramentas à nossa disposição, que permitam um diálogo acerca de suas possíveis contribuições para a construção de uma metodologia histórico-sociológica para a psicanálise. Essa contribuição, em nossa percepção, estaria calcada em uma reflexão sobre uma lógica para as cisões recorrentes na história das instituições lacanianas brasileiras. Contendas, que, como nos mostra Roudinesco (1988), caracterizam o movimento laciano desde antes da morte de seu mentor. Ou seja, as crises, cisões, rupturas e recomenços, para além da realidade brasileira, se repetem e estão no âmago da psicanálise como uma questão crucial à espera de algum recurso em âmbito institucional.

A SOCIOLOGIA DE BOURDIEU: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA UMA HISTORIOGRAFIA

Em termos psicanalíticos, ao considerarmos a posição do sujeito em seus laços transferenciais, lidar com um problema científico é construir um novo entendimento para o problema, que tenha como resultado a criação de outra forma de existência. A resistência dos psicanalistas em

falar de sua experiência nas instituições criadas e mantidas por eles revela que, nessa história, existe algo de temerário: “(...) [os] psicanalistas têm medo da própria história, da *sua* própria história, impondo quando ela é escrita, uma resistência tão violenta quanto aquela que o comum dos mortais impõe a psicanálise” (Roudinesco, 2009, p. 11, grifo da autora).

Bourdieu (1984/2016) se mostra sensível a essa problemática. Ele salienta “que aquele, que recusa os prazeres e os proveitos fáceis da crítica longínqua para se prender ao ambiente imediato que tudo recomenda aceitar como sagrado, deve ficar a contar com os tormentos da perseguição subjetiva” (p. 17). Nesse mesmo texto, o sociólogo nos adverte das dificuldades quando se toma como objeto um mundo social, onde se “está preso”, apresentando o “desafio que representa o estudo de um mundo ao qual se está ligado” (p. 17). Para tanto, recorre ao significante “paixão” ao indicar que um discurso acerca dos agentes que “traem um segredo” dentro do grupo, no qual os mesmos que saúdam esses agentes, quando pertencentes a outros grupos, lançam suspeitas quando se trata do seu grupo.

A preocupação de Bourdieu está voltada para o sentido prático do agente ao encontrar um campo de ação; ou seja, o sentido prático incorporado pelo agente. Esse sentido se daria pelo encontro da relação imaginária com a situação real. O próprio agente não sabe o que faz, nem por quê; apenas atua na situação. Por isso, o interesse do sociólogo pelo poder enquanto realidade social em ação. Para sustentar essa concepção, Bourdieu (1989/2011) utiliza, em sua sociologia crítica, os conceitos de campo, *habitus* e capitais simbólico e cultural.

O conceito de campo revela a característica marcante na obra de Bourdieu (1989/2011) de se pensar relacionalmente:

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceitual de um modo de construção do objecto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber verificar que o objecto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades (p. 26).

O registro propriamente histórico faz parte da estenografia conceitual do campo. Em nossa proposta de trabalho, torna-se possível historicizar um campo conforme seja possível mapear os códigos de reconhecimento

típicos, por intermédio dos quais os agentes se identificam como pares ou rivalizam no espaço institucional. A compreensão da gênese social de um campo se dá pela apreensão do sistema de crenças que o sustenta, dos jogos de linguagem que ocorrem em seu interior e das coisas materiais e simbólicas que nele se geram (Bourdieu, 1989/2021). Acrescentamos, ainda, que o processo de autonomização de um campo é, intrinsecamente, ligado à evolução da sociedade dos seus componentes no decorrer do tempo. Todavia, esse processo não abole os indicadores de liberdade de seus integrantes ao tentarmos elucidar as relações que o constituem. Isto é, a autonomia de um campo não significa que seus componentes estejam totalmente atados ao seu sistema de regras.

Essas considerações nos aproximam da apreensão do conceito de *habitus*, que funciona, a cada momento, como uma matriz de percepções, apreensões a ações. O *habitus* é uma espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação e fornece uma referência ao futuro, tendo por base o passado que o constituiu. Nesse processo, o próprio *habitus* se reatualiza como um senso prático. Ele está relacionado com o juízo classificatório de práticas objetivas e menos objetivas. Bourdieu (1979/2010) o define como “o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida” (p. 70). Ele relaciona o *habitus* às características atinentes à condição econômica e social, e os traços distintivos associados à posição correspondente ao espaço dos estilos de vida. Desse modo, os agentes sociais, indivíduos ou grupos, agregam um *habitus* ocasionador (incorporado pela experiência), que oscila no tempo e no espaço.

Da teoria marxista, Bourdieu (1984/2003) extrai a ideia de luta pela dominação e pela consciência de classe. A dinâmica social, suas lutas e conflitos ocorrem no interior do campo. Ele é delimitado por formas de capital (simbólico, social, econômico e cultural), que lhe dão sustentação. Portanto, todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*. Assim, a história própria do campo, tudo que compõe o *habitus*, as estruturas subjacentes, enfim, funcionam como um prisma para os acontecimentos exteriores.

As propriedades de um campo, além do *habitus* específico, são a estrutura, a *doxa* e as lógicas que regem o campo e que regulam a luta pela sua dominação. Os interesses postos em jogo, Bourdieu (1979/2010,

1989/2021) denomina “capital” – no sentido dos bens econômicos e, também, do conjunto de bens culturais, sociais, simbólicos etc. Essa trama conceitual deixa nítido que o capital tem relação direta com o poder sobre o campo, que, por meio de mecanismos específicos, contribui para garantir a produção de uma determinada categoria de bens, que se convertem em ganhos e rendimentos. Dessa forma, o capital é constituído por poderes, que definem a probabilidade de ganhos em um campo determinado.

A urdidura conceitual de Bourdieu tem como característica prática o agente que confronta um campo de operação. No entanto, não é a compreensão pessoal que o agente possui do contexto que guia o seu fazer, mas o sentido prático incorporado e incrustado em uma história real. Um aspecto desperta nossa atenção: a perspectiva de poder simbólico proposta por Bourdieu tem as características da invisibilidade e da cumplicidade dos agentes que não querem dele saber e estão sujeitos a ele. Esse fato traz uma consequência crucial para o nosso trabalho: a dominação não seria efeito de uma luta aberta entre classes, mas produto de um complexo de ações infraconscientes, sem pleno conhecimento e autonomia, de cada um dos agentes e de cada uma das instituições dominantes sobre todos os demais (Bourdieu, 1989/2021). Nessa via, o autor ressalta a sutileza da coação espiritual sobre as consciências. Nesse contexto, para Bourdieu, o poder, inclusive aquele gerado pelo acúmulo do capital simbólico, se presentifica em uma disputa entre agentes, em um determinado campo, cujas motivações são socialmente estruturadas e, em boa parte, infraconscientes.

O SUJEITO SUPOSTO SABER COMO DETENTOR DO CAPITAL SIMBÓLICO

Lacan (1967/2003), ao forjar a expressão “Deus dos filósofos”, nos adverte que ela interessa aos analistas na medida em que podemos considerá-la como uma garantia dos saberes aos quais o homem endereça suas indagações. O trabalho do sujeito é uma busca incessante de reparar a clivagem (*spaltung*), por não suportar a angústia inerente ao não saber. Então, uma dimensão do sujeito aceitaria a realidade enquanto tal, e a outra consistiria em recusá-la (Roudinesco & Plon, 1998).

Cumpramos destacarmos que o conceito de transferência, na perspectiva de Lacan (1963-1964/1988), nos auxilia no diálogo com o papel da linguagem na alienação dos agentes, uma vez que ela está intrinsecamente ligada ao saber: “desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber, há transferência” (p. 220). Ou seja, o amor de transferência é endereçado ao saber.

No momento em que os sujeitos falam de seus impasses e sofrimentos, o “Deus dos filósofos” é suposto por eles em sua busca por uma resposta. Assim, a clínica psicanalítica nos ensina que não há produção de saber sem essa conjectura inicial. Dessa maneira, o sujeito suposto saber “é uma manifestação sintomática do inconsciente” (Lacan, 1974/2003, p. 541). Essa assertiva lacaniana fica mais nítida quando ele afirma que

(...) o *sujeito suposto saber*, é uma suposição enganosa. A *Selbst-bewusstsein*, considerada constitutiva do sujeito cognoscitivo, é uma ilusão, uma fonte de erro, uma vez que a dimensão do sujeito suposto que transparece em seu próprio ato de conhecimento só começa a partir do momento em que entra em jogo um objeto específico, que é aquele que o estágio do espelho tenta delimitar, ou seja, a imagem do corpo próprio, na medida em que, diante dela, o sujeito tem o sentimento jubilatório de efetivamente estar diante de um objeto que o torna, a ele, sujeito, transparente para si mesmo (Lacan, 1962-1963/2005, p. 70).

Consideramos que esse seria o momento da retomada de significantes, que a psicanálise faz desamarar, criando o efeito de inconsistência do saber. Aqui, surge a possibilidade de queda do sujeito suposto saber⁴ na condição de manifestação sintomática do inconsciente em duas dimensões. Por um lado, a impossibilidade de um encontro pleno entre real e simbólico; e, por conseguinte, essa impossibilidade tende a gerar no sujeito a ilusão de um saber acabado, pronto, que se articule de forma unitária e inteira. Portanto, o sujeito suposto saber é um dado da estrutura neurótica, posto que os neuróticos fantasiam um lugar, onde o saber é depositado (Lacan, 1967/2003).

Lacan (1964/1988), ao discutir a transferência, nos lembra da importância de seu manejo, para que a análise não se torne um processo de alienação do sujeito por intermédio da identificação. O analista tem que se situar e regular a transferência de tal maneira que se mantenha a maior distância possível entre o ideal e o objeto *a*, objeto desejado pelo sujeito, porém inacessível a ele. A alienação não implica somente que o sujeito tenha

sua existência definida pelo Outro simbólico. Ela também implica que tais produções de sentido (S_1 - S_2) não revestirão, integralmente, a dimensão subjetiva. O sujeito, em sua divisão, apresenta uma partição entre ser e sentido, apontando que, se o sujeito aparece na inscrição significante, ele, concomitantemente, desaparece em sua perda de ser e falta constitutiva (Zanola & Lustoza, 2019). Essas considerações têm importância na política, principalmente para refletirmos sobre os riscos do envelopamento do objeto *a* pelos ideais. Para a psicanálise, relações sociais são fundadas nas identificações. Por meio delas, podemos explicar a maneira como o poder gera a vida psíquica e impulsiona afetos e demandas de amor, constituindo os sujeitos com os quais ele se relaciona (Safatle, 2017).

Podemos inferir que a discussão acerca da gestão da transferência como suposição de saber nos fornece elementos para a compreensão do processo de concentração de capital simbólico e das dinâmicas de alienação e de dominação nas instituições psicanalíticas. Depreendemos que a relação entre transferência e capital simbólico está fundamentada na concepção lacaniana da transferência, que a inscreveu em uma relação entre o sujeito e a posição ocupada pelo Outro. Em sua dimensão inconsciente, ela se materializa como fruto de uma operação essencialmente relacionada com o engano, e que consiste em o sujeito instalar o analista no lugar do sujeito suposto saber; isto é, em atribuir o saber absoluto a quem ele se vê identificado (Roudinesco & Plon, 1998).

BREVE ENSAIO METODOLÓGICO: AS ALTERAÇÕES COMO HISTÓRIA

Na década de 1960, foi fundado o CPMG. Suas atividades, inicialmente, foram inspiradas nos trabalhos de Maloumar Lund Edelweiss, um sacerdote católico oriundo do Sul do Brasil, que se interessou pelos trabalhos de Freud e foi a Viena estudar com Igor Caruso.

O caráter longo dessa instituição e sua história, que pode ser contada ao tomarmos como marcos históricos a sequência de alterações e reestruturações institucionais, nos motiva neste ensaio. Tomamos como material de análise o audiovisual comemorativo dos 40 anos, produzido pela própria instituição, além de artigos publicados no periódico do Círculo, que abordam sua trajetória, além de uma entrevista com um dos fundadores da instituição.

Maloumar iniciou a árvore genealógica do CPMG. Ele foi seu primeiro presidente e autorizou dois analistas, dentre eles Djalma Teixeira de Oliveira, que o sucedeu na presidência. Em seu depoimento para o audiovisual, ressalta: “A identidade do círculo é essa: é diferente da IPA, é diferente dos kleinianos, o círculo é Carusiano. Ser carusiano é ser freudiano à luz da perspectiva do Caruso” (CPMG, 2003). Sua ótica era o combate à ortodoxia. A leitura “carusiana” de Freud, segundo Djalma, causou estranhamento entre os psicanalistas vinculados à IPA, que afirmavam que a psicanálise não deveria ser estudada dessa forma.

Célio Garcia, participante da fundação do Círculo, em seu depoimento afirma que, no contexto da ditadura militar, a criação do Círculo veio associada à pressuposição de transmissão da doutrina e de fidelidade, tal como na política, a uma determinada visão de mundo. Parece-nos que essa afirmação de Garcia diz respeito à influência católica na psicanálise praticada no Círculo. Caruso, professor de Maloumar, esteve em Belo Horizonte entre 1968 e 1969, trabalhando com supervisão clínica e formação dos psicanalistas vinculados ao Círculo. À época, ele tinha projeção internacional como praticante de uma psicanálise com matiz religiosa.

Ao refletirem sobre as ressonâncias da vinda de Caruso a Belo Horizonte, os precursores do CPMG sinalizaram alguns pontos. Os analistas brasileiros precisavam de conhecimentos clínicos em psicanálise e o visitante era antropólogo, além da constatação de que Caruso não avançava na proposta institucional da IPA. Aventou-se a questão de se a filiação à *International Federation of Psychoanalytic Societies* [IFPS], que tem Caruso entre seus fundadores, não seria uma busca de reconhecimento no meio analítico (CPMG, 2003).

Em 1970, ocorreu uma mudança na relação com o Círculo de Viena, sinalizada com a alteração do nome, que passou a ser: Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, que continuou filiado à IFPS. A então designada “nova personalidade do Círculo” foi marcada por uma “posição exclusivamente voltada a Freud” (CPMG, 2003). A parte formativa foi idealizada por Jarbas Portela e ficou a cargo do “seminário dos didatas”. Javert Rodrigues, que presidiu o Círculo com esse modelo de funcionamento, observa: “Nossas reuniões no Círculo eram marcadas por uma coisa estranhíssima. O sujeito apresentava um trabalho e

ninguém fazia uma pergunta” (CPMG, 2003). E, também, observa que a questão da transferência na instituição psicanalítica é de uma ordem tal, que inibe o processo de mudança (CPMG, 2003).

A instituição está à procura de seu *habitus*, de ocupar um espaço social, em que seus agentes sejam reconhecidos como psicanalistas. Para tanto, as alterações no simbólico, em busca do aumento de capital, é estratégica. Ser “carusiano” não propicia o reconhecimento social que os agentes esperam. A psicanálise tem como capital simbólico primordial sua referência a Freud em seus postulados clínicos. Ao assumir uma identidade exclusivamente freudiana, a instituição alterou seu nome. Essa mudança foi marcada pela supressão da “psicologia profunda” em prol da “psicanálise”. Percebemos, na mudança na relação com o Círculo de Viena, a possibilidade de aproximação com a IPA, instituição cujos *habitus* e *doxa* representam o capital cobiçado pelos agentes institucionais (reconhecimento como psicanalistas). Mas a busca desse reconhecimento traz um preço marcado pelo maior capital simbólico dos didatas. Javert Rodrigues designa esse efeito de capital como “coisa estranhíssima”. Ou seja, à “nova personalidade do círculo” importam, também, os efeitos deletérios da alienação na figura dos mestres didatas e do embotamento da criatividade advinda desse fato (CPMG, 2003).

No início da década de 1990, a instituição sofreu um boicote, que teve como consequência o êxodo dos associados. Clóvis Bicalho, presidente do CPMG à época, teve sua posse ameaçada devido ao fato de que quatro integrantes, os quais assumiriam diretorias em sua gestão, participariam de um evento agendado por Jorge Forbes na mesma data e no mesmo horário na Associação Médica de Minas Gerais. Para Bicalho, o evento na Associação Médica foi “marcado propositalmente para que as pessoas se definissem” (CPMG, 2003). Ele continua: “A sensação que me deu é que teríamos que passar aquilo tudo para o *grupo do Forbes*. Como manter o Círculo sem dar para os outros?” (grifo nosso). Estamos em um momento de expansão do lacanismo no Brasil.

Em “Inibições, sintomas e angústia”, Freud (1926/2015) aproxima o trauma à experiência do desamparo. A angústia seria um sinal de uma situação de perigo, já que remeteria à lembrança de experiências traumáticas passadas. Por certo, na estimulação interna, a experiência do desamparo diz

respeito a um estado no qual o sujeito se encontra inundado pelo excesso de excitações pulsionais, que ultrapassam a capacidade de seu domínio.

Um dos precursores da psicanálise em Minas Gerais que acompanhou de perto esse período relata:

pois é ... muito difícil ... eu acho que basicamente como Freud falou que ele toda vida foi da oposição ... acabou que nossa ... situação. A situação de oposição assim ... é ... a gente sofre todo esse bombardeio ... da universidade e coisa ... o Círculo não vale nada tarará mas como nós criamos uma universidade própria, *nós tínhamos um curso* (psicanalista radicado em Minas Gerais).

Ele também tece comentários sobre a difusão do pensamento de Lacan em Belo Horizonte:

Exatamente. Para que você é... pertencesse a esse grupo dos escolhidos ... eles começaram a fazer eventos, chamar gente de fora, franceses, aquela coisa toda ... só que você não tinha ainda publicações ... tinham ... apostilas, tinham ... né? O Jacques-Alain Miller começou a segurar os *Escritos* do Lacan.

[...]

Se apostilas da/para que você ... tivesse acesso a isso ... você era do grupo ou você estava fora ... você tá entendendo? ... é, ou você tinha que ... adotar ... uma certa militância ... e é militância mesmo ... pessoal ... na época tinha por exemplo a conferência do Jacques-Alain Miller ... o psicanalista vendendo uma entrada, uns lugares, e tudo era assim (psicanalista radicado em Minas Gerais).

Fica evidente, nos fragmentos discursivos apresentados, a estratégia de atuação dos lacanianos na busca de reconhecimento e valor social. A “militância” exigida dos psicanalistas no campo institucional, a preocupação em se fazerem presentes nas universidades, a retenção por parte do herdeiro de Lacan de seus textos e o demérito atribuído às instituições que não partilham da mesma posição teórica na psicanálise são manifestações do poder atribuído àqueles que dispõem de reconhecimento bastante para terem condições de disputar a hegemonia no interior do campo. Notemos bem: essa imposição de reconhecimento se faz no plano prático. Como nos lembra Bourdieu (1979/2010), “o consumo de bens culturais mais legítimos é um caso particular de concorrência por bens e práticas raros, cuja particularidade tem certamente mais a ver

com a lógica da oferta” (p. 174). É no campo que a retenção do saber sobre o ensino de Lacan se faz presente, atribuindo aos “supostos não lacanianos” (ou aqueles com o acesso dificultado) o “condicionamento social” (Bourdieu, 1979/2010), em que se faz a distinção entre aqueles que possuem capital simbólico e os que não o têm.

Vanessa Santoro, presidente no período de 1993 a 1995, em seu depoimento, relembra diversas ações, que nos parecem uma reação institucional ao momento de ataques externos e êxodo dos associados: Nesse período, a formação foi privilegiada. Foram estabelecidas duas jornadas clínicas por ano, com apresentações de clínica, e foi implantada a clínica social (CPMG, 2003). Ela relata, além disso, a expansão da produção científica da instituição. Fez-se investimento na inserção do Círculo nos campos cultural e científico mineiro com assinatura de jornais estrangeiros de psicanálise. Santoro faz questão de ressaltar que a produção com temáticas (criança e psicossomática)

foram lançadas em eventos especiais, fora do CPMG, que foi quando o CPMG foi para fora, para a pólis mesmo, isso fazia parte da psicanálise em extensão ou a psicanálise implicada como *eles* falam e que juntou muita gente e o Círculo ficou muito bem-visto (CPMG, 2003, grifo nosso).

Acerca da formação de novos quadros, nosso entrevistado usa a metáfora religiosa como ironia para criticar a “*tomada das universidades*” pelos lacanianos:

[risos] é uma coisa que ... não existe ... seminário menor ... era o seguinte ... pegava um menino ... fala ah eu quero ser padre e blá ... é um menino aí oito anos levava ele ... fazia a cabeça dele aquilo ... coitado ... passando [risos] ... negando a sexualidade dele na adolescência e tal ... depois é que ele ... é ... terminava aí o curso secundário e tal ... é que ele ia fazer ... propriamente o seminário maior, que era teologia, filosofia tarará ... mas com isso ele já tava com a cabeça feita ... então o seminário menor lá [risos] era ... uma ironia dizer o seguinte ... pegava esse aluno ... ao invés de deixar ele ... porque a universidade é universidade (psicanalista, radicado em Minas Gerais).

Parece-nos que o maciço investimento realizado pelos gestores após a chegada dos lacanianos na vida cultural da cidade foi uma estratégia de

inserção do CPMG no espaço acadêmico. A organização do discurso em oposição entre “nós” e “eles” e a utilização dos conceitos lacanianos como significantes do discurso se referindo a “eles” acenam para a rivalidade entre os grupos.

Pimenta (2013), em artigo que aborda os impactos da chegada do ensino de Lacan no CPMG, elabora uma questão:

O ensino de Lacan só era acessível a quem concordasse em aceder à tirania epistêmica do Sr. Miller, que, em sua política, levou seus integrantes a ocupar as cadeiras universitárias e do serviço público por onde forçosamente os alunos teriam que passar. Na política da cabeça feita e da visão unilateral, o CPMG foi tomado como lugar da crítica e do desvalor [...] *Nossa preocupação era, então, como ter acesso ao ensino de Lacan sem ter que pagar tributos ao Sr. Miller* (p. 37, grifo nosso).

As ações da gestão 1993-1995 elencadas por Vanessa Santoro ecoam como um contraponto a esse contexto. No vídeo institucional dos 40 anos do CPMG, são ressaltados os nomes dos que frequentaram a instituição, oferecendo cursos e proferindo palestras em eventos e lançamento de livros, dentre eles vários analistas lacanianos: Antônio Quinet, Marie-Claire Boons, Gérard Pommier, Contardo Calligaris, Charles Melman e Oscar Cesarotto. As atividades, que marcaram a reorganização institucional do Círculo e a circulação desses nomes, mostram que foi encontrada uma forma de contraposição ao desvalor.

A preocupação de Pimenta (2013) pressupõe uma resistência ao poder dominante. Ela é um convite à busca de outros processos de reconhecimento, outras relações transferenciais possíveis a partir da dessuposição de saber absoluto no outro (no Um da psicanálise).

Inferimos que a construção de uma proposta institucional que aposta na pluralidade, e a construção do relacionamento com diversos analistas lacanianos, que se dispuseram a ali ensinar, mostram a potência de outra forma de laço social, aquele que propicia a inventividade. A posição de sujeito, a partir de uma indagação sobre o poder e o saber constrói outro saber, tem nítida influência sobre as formas de capital no interior do campo.

Nos minutos finais do audiovisual, a instituição se apresenta como “plural, cujo compromisso com a psicanálise tem como base o texto de Freud, não privilegiando ou excluindo qualquer releitura existente,

proposta nada fácil, porém deixada a imparidade de cada associado” (CPMG, 2003). E continua com uma clara referência aos momentos traumáticos que viveu: “Aos que o chamam de antigo, o CPMG se mostra duradouro; aos que o acham eclético, ele responde como versátil; aos que o pensam complacente, ele se apresenta como solidário”.

Essas palavras refletem os efeitos subjetivos decorrentes de acontecimentos traumáticos, que estão a ser elaborados institucionalmente como os efeitos da transmissão secundária, termo utilizado por LaCapra (2006) para designar os efeitos traumáticos nos sujeitos que não vivenciaram o evento pessoalmente. Temos, assim, o processo de construção do saber da instituição sobre sua história. Saber que remete ao porvir, em estado vestigial, e traz consigo uma cicatriz de uma experiência traumática de sua história.

ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DAS INSTITUIÇÕES PSICANALÍTICAS: IMPLICAÇÕES

Na carta elaborada e divulgada por Lacan (1980/2003), na qual expõe os motivos da dissolução da Escola Freudiana de Paris, fundada por ele e matriz de todas as instituições do lacanismo, consta a afirmação: “Eu os abandono a fim de que eles me mostrem o que sabem fazer, afora me estorvarem e fazerem desandar um ensino em que tudo é sopesado” (p. 320).

Em que pese a ambiguidade do ato de Lacan em dissolver unilateralmente a sua Escola, a declaração feita por ele nos parece uma aposta na emancipação. Ela possibilita o surgimento do sujeito com sua inerente produção de singularidade, o que se faz a partir de uma alteração na estrutura institucional. Para tanto, é preciso pensar “o ato político como processo de dissolução” (Safatle, 2017, p. 217).

A dessuposição de um saber pleno e prévio é condição para a liquidação da transferência e para a assunção de um outro discurso que não seja exatamente como o próprio discurso, e que não reafirme a ilusão de propriedade e domínio. Esse fato tem incidência no laço social, relação entre sujeitos sustentada pelo discurso, e nos mostra que pouco importa que o agir a partir da mesma concepção institucional, seja quem for, se ele possui incidência na produção de um discurso que pressupõe posse e mestria. Os agentes que atuam no campo da psicanálise, ao refletirem, criticamente, acerca

de suas experiências e ao procurarem outras possibilidades transferenciais, contingencialmente alteram o *habitus* e a *doxa* que configuram o campo. Essas considerações apontam para a probabilidade de uma transformação na concentração de capital nas disputas de poder no interior do campo.

É a partir da não presunção de um saber pleno e único e das multiplicidades de vínculos transferenciais que podemos pensar em instituições psicanalíticas menos enrijecidas e mais dispostas a acolher e a dialogar com as alteridades. Talvez, como nos lembra Safatle (2017), tomar com maior cuidado algumas assertivas lacanianas, tais como efemeridade da existência do grupo, eventualidade das relações entre participantes, moderação da burocracia e ausência de hierarquia. Parece-nos que esses pressupostos permitiriam alguma alteração no *habitus* dos agentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo intelectual, como campo de produção de bens simbólicos, nos permite compreender a obra de um autor por intermédio do sistema de relações sociais, o que nos autoriza a transcender a visão substancialista, não relacional, que considera o autor e sua obra por si mesma.

O campo psicanalítico, a exemplo do campo intelectual, constitui um sistema de linhas de força: os agentes e as instituições estão em uma relação de forças que se opõem e se agregam, em uma estrutura específica, em um lugar e um momento dados no tempo.

O campo, espaço das práticas específicas, é, relativamente, autônomo e dotado de uma história própria. Caracteriza-se por um espaço de possíveis, que tende a orientar a busca dos agentes, definindo um universo de problemas, de referências e de marcas intelectuais. O conhecimento dessas coordenadas é imprescindível para a participação nele.

O Estudo de Caso e os fragmentos das entrevistas com os agentes nos revelam a tentativa de superar momentos traumáticos ocorridos no campo, que incluem discriminação, aviltamento e desdém. A experiência traumática desses agentes faz pensar a importância da temporalidade na composição de um método de historiografia para a psicanálise. O retorno do traumático, encontrado por nós no contato dialógico com nossos entrevistados, revela a importância de um esforço para deslindar os mecanismos de coerção e

controle presentes nas instituições de psicanálise e, concomitantemente, contribuir para um avanço em sua política institucional.

Continuando nesta discussão, caminhamos em direção êmica, valendo-nos da psicanálise, a fim de desvelar a lógica que prevalece em algumas instituições no campo psicanalítico. A luta pelo acúmulo de capital simbólico que garanta a supremacia nesse campo, por diversas vezes, usa como recurso a faceta alienante da transferência. Essa faceta é criada pelo analista, que ocupa o lugar do objeto, o qual causa desejo do outro, manobra que gera alienação ao sugerir a adoção de um objeto ideal para o outro.

A fidelidade ao suposto detentor daquele que possui a hegemonia do campo inclui, na lógica de seu funcionamento, as práticas consideradas experiências traumáticas pelos agentes. Nas interações entre os agentes, passam a ser possíveis práticas segregatórias e menosprezo como parte das lutas concorrenciais. Tais ações, muitas vezes, são estimuladas e simbolizadas como fidelidade ao mestre, àquele que, supostamente, pratica a verdadeira psicanálise.

É assim que a rivalidade e as cisões entre as instituições de psicanalistas parecem intermináveis. Podemos, inclusive, fazer uma genealogia dessas escolas a partir de seu “mestre fundador”. Em termos da historiografia em sua relação com a psicanálise, o trauma não simbolizado tende a se repetir, produzindo uma fixação no passado e, por vezes, experiências fora de contexto. Consideramos que o método de pesquisa em historiografia da psicanálise que utilize o conceito de trauma, tal qual propõe LaCapra (2006), pode colaborar para a análise crítica das experiências em estudo, além de comprometer-se com os impasses presentes e as possibilidades futuras.

A sociologia de Bourdieu nos mostra que, a depender da posição que ocupam na estrutura do campo, ou seja, na distribuição do capital simbólico específico, os agentes usam de estratégias, que são tomadas de posição e podem ser de legitimação (conservação) ou de subversão, estas em confronto permanente com as forças de conservação.

Um método para a historiografia da psicanálise que funcione em direção êmica, que dialogue com a sociologia e que tenha em consideração a atribuição do sentido da experiência, inclusive a traumática, certamente, contribuirá para subverter a lógica colocada em prática pelas forças de conservação.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (2010). *A distinção. Uma crítica social do juízo*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1979).
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século. (Obra original publicada em 1984).
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1989).
- Bourdieu, P. (2016). *Homos Academicus*. Luanda: Mulemba; Lisboa: Pedago. (Obra original publicada em 1984).
- Certeau, M. (2020). *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. (2003). *40 anos do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*. [CD]. Brasil.
- Dunker, C. I. L, & Kyrillos Neto, F. (2014). Conflito entre psicanalistas e impasses fálicos da brasilidade. *Stylus*, (29), 67-84. Recuperado em 15 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2014000200008&lng=pt&tlng=pt
- Freud, S. (2015). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos* (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926).
- Ginzburg, C. (2021). O ofício do historiador. *ArtCultura*, 23(42), 7-26. Doi <https://doi.org/10.14393/artc-v23-n42-2021-61847>
- Lacan, J. (2005). *O seminário: Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1962-1963).
- Lacan, J. (1988). *O seminário: Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1963-1964).
- Lacan, J. (2003). O engano do sujeito suposto saber. In J. Lacan (Org.), *Outros Escritos* (pp. 329-340). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1967).
- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan (Org.), *Outros Escritos* (pp. 508-543) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1974).

- Lacan, J. (2003). Carta de dissolução. In J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 319-322). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1980).
- LaCapra, D. (2006). *Historia em trânsito. Experiencia, identidad e teoría crítica*. Espanha: Fondo de Cultura Económica.
- Mudrovic, M. I. (2005). *Historia, narración y memoria. Los debates actuales em filosofia de la historia*. Madrid: Akal.
- Pimenta, A. C. (2013). Da dilemática à dialética. *Reverso*, 35(66), 33-40.
- Pontes, N. L. M. T. (2011). Hábitos e Libido Social: Revisitando Bourdieu através da psicanálise. *Revista Estudos de Sociologia*, 2(17).
- Roudinesco, E. (1988). *História da psicanálise na França. A Batalha dos Cem anos* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2009). Lugares de arquivos, palavras inéditas de Freud. *Pulsional. Revista de Psicanálise*, 22(1), 10-27.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roustang, F. (1987). *Um destino tão funesto*. Rio de Janeiro: Tímbr Taurus.
- Russo, J. (2002). *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safatle, V. (2017). Lacan, revolução e liquidação da transferência: A destituição subjetiva como protocolo de emancipação política. *Estudo avançados*, (91), 211-227. Doi 10.1590/s0103-40142017.3191016
- Zanola, P. C., & Lustoza, R. Z. (2019). Alienação e separação no Seminário 11 de Lacan: Uma proposta de interpretação. *Tempo psicanalítico*, 51(2), 121-139. Recuperado em 16 de fevereiro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200007&lng=pt&tlng=pt

NOTAS

- ¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal de São João del-Rei [UFSJ]. CAAE-44801121.5.0000.5151
- ² O manuscrito contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais [FAPEMIG], processo APQ-01988-24.
- ³ Agradeço a Tiago Pires Marques e a Thales Fonseca, pela leitura atenta do texto e pelas importantes sugestões de aprimoramento.
- ⁴ No âmbito desta discussão, é importante salientarmos que o sujeito suposto saber se constitui como uma proposta de estruturação lógica do fenômeno da transferência e é sustentado como suposto saber pelo desejo do outro.